

O DISCURSO DE RESISTÊNCIA EM MEIO AO FOLCLORE

Jorcemara Matos Cardoso¹

Resumo: Trabalhar as questões sobre cultura, hoje, é poder verificar como as manifestações culturais podem ser levadas a serem vistas como emblema de identidade regional e/ou nacional. Este artigo não se debruçará tanto em análises aprofundadas, mas num levantamento teórico que nos ajude a entender como podemos ver a resistência em meio às manifestações folclóricas. Será que a identidade trabalhada no espaço da festa é uma identidade condizente com a comunidade ou ela é fabricada, moldada para o espetáculo? Em sendo moldada, em que medida pode-se ter um discurso de resistência em meio à espetacularização do folclore? Para dar conta das questões arroladas, buscaremos respaldo teórico-metodológico na Análise de Discurso de orientação francesa, sobretudo nos trabalhos de Michel Pêcheux e de Michel Foucault. Acredita-se que respondendo a questões como estas, podem-se entender ainda mais as questões de discurso e poder na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Identidade; discurso; resistência; folclore.

Abstract: Working issues on culture today is able to check how cultural manifestations may be taken or to be seen as an emblem of identity regional and / or national. This mete-paper not address both in-depth analysis, but in a theoretical survey to help us understand how we can see the discourse of resistance in the midst of folklore. Does the identity of the party worked in space is a consistent identity with the community or it is manufactured, molded to the party? In being shaped, to what extent can have a discourse of resistance through the spectacle of folklore? To handle all the issues enrolled, seek theoretical and methodological support in Discourse Analysis of French orientation, particularly in the works of Michel Pecheux and Foucault. It is believed that answering questions like these, we can further understand the issues of discourse and power in contemporary society.

Keywords: computational linguistics; excessive resolution; empirical segmentation.

Introdução

No Brasil, desde a explosão da Semana de Arte Moderna em 1922, vem se desenhando uma busca por descobrir quais são os pontos característicos que fazem o sujeito ser brasileiro, se sentir pertencente a uma brasilidade. É lógico que no decorrer da história, com seus pontos descontínuos (FOUCAULT, 1995), emergem discursos que fazem com que essa identificação se aflore de diversas formas. Uma delas seria a intensa massificação midiática, no que tange às questões sobre

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM.

cultura popular, que se legitima como *emblema de brasilidade*, como formas de identificação, partindo do regional para uma identidade nacional (CRUZ, 2005). Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, por isso não se debruçará tanto em análises aprofundadas, mas num levantamento teórico que nos ajude a entender como podemos ver a resistência em meio às manifestações folclóricas, olhando para uma festa folclórica em particular – o Festival Folclórico de Parintins² (daqui em diante FFP).

Na Amazônia, a década de 1990 emergiu como o momento em que várias festividades folclóricas de cunho popular fossem vistas e “potencializadas” de um cenário local (a Ciranda, em Manacapuru-AM; Sairé, em Alter do Chão-PA; Festival Folclórico do Boi-Bumbá, em Parintins-AM; Bumba-meu-boi, em São Luís-MA, etc) para serem representações de identidade regional e, porque não dizer, fazer parte das diversas representações identitárias nacionais. Discursos que começam a circular nas mídias, nas propagandas publicitárias e que vão influenciar o modo pelo qual essas apresentações folclóricas começam a ser vistas como espetáculos.

Essa espetacularização tem se tornado cada vez mais forte, principalmente com o fortalecimento da indústria cultural. O que era antes, essencialmente, espaço de uma identidade sólida (BAUMAN, 2005), tanto regional, quanto nacional, passa a ser também espaço econômico extremamente rentável, não só para a comunidade onde o folclore se apresenta, mas também para Estado, União e empresas privadas, os quais vêm juntos fazendo altos investimentos nesses espetáculos. Destarte, a identidade é processada de acordo com interesses que caibam nessa espetacularização que visa, principalmente, fazer com que todos se sintam parte do espetáculo e se *identifiquem* com aquela cultura.

Muitos trabalhos em diversas áreas abarcaram a ligação da *festa, a cultura popular e identidade*: na área da comunicação (PASINI, 2010); no turismo (MOECOSH, 2000); Ciências Sociais (SILVA, 2006), na música (REIS, 2012). Porém, nosso foco é olhar para a festa pelo viés discursivo, tentando entendê-la como construída discursivamente para moldar (forjar) identidades locais e nacionais.

Conhecido como uma das maiores festa folclóricas do Brasil, o boi-bumbá de Parintins vem sendo alvo de grandes investimentos. A festa acontece tanto nas ruas (chamado boi de rua), quanto na maior arena de arte da América Latina, chamada Bumbódromo, onde tem como tema central o entrelaçamento da cultura do índio, negro e branco principalmente a manifestação folclórica de

² Festa Folclórica que acontece na cidade de Parintins-AM, surgida no início do século XX, tornou-se festa oficial no calendário da cidade somente em 1966. Disputam duas agremiações folclóricas - Garantido e Caprichoso. Até 2005, a festa acontecia nos dias 28, 29 e 30 de junho e a partir de 2006, uma lei municipal mudou a data para o último final de semana de junho.

mitos e lendas indígenas; a apreciação de costumes caboclos; a devoção à padroeira da cidade – Nossa Senhora do Carmo – tudo isso envolvido pela história da morte do boi Garantido e Caprichoso trazidos por intermédio da cultura maranhense. A festa, dessa forma, mostra-se numa mistura de culturas que desaguam numa só constituindo o Festival Folclórico de Parintins.

Nos últimos anos, esse espetáculo a céu aberto é mostrado aos telespectadores por meio de grandes redes de comunicação como Amazon Sat, SBT, Bandeirantes e atualmente pela emissoras Record News. Essas transmissões fizeram com que em pouco tempo aumentasse consideravelmente o fluxo de turistas e o fluxo econômico na cidade.

Esse avanço de grandes proporções dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso fez com que muitas outras questões começassem a ser levantadas, principalmente no que tange às questões de identidade da festa e da comunidade. Alguns litígios entre comunidade, agremiações folclóricas dos bois e posições políticas estão emergindo e uma delas refere-se à forma que o espetáculo vem adquirindo para ser apreciado pelos visitantes e telespectadores. Este fato nos faz levantar alguns questionamentos como: será que a identidade trabalhada no espaço da festa é uma identidade condizente com a comunidade ou ela é fabricada, moldada para o espetáculo? Caso seja moldada, em que medida pode-se ter um discurso de resistência em meio à espetacularização do festival folclórico de Parintins?

Algumas hipóteses foram arroladas para que pudéssemos responder a essas questões:

- Os processos de produção de sentido a respeito do boi-bumbá são regulados por silenciamentos impostos pelas coerções sociais que envolvem a festa na atualidade, como exigências da indústria cultural;
- A indústria cultural determina os discursos de que o Boi-bumbá pode se valer para preservar a memória da festa, tendo em vista, principalmente, o litígio que está havendo em relação ao discurso da memória de 100 anos de história dos bois;
- O espaço de manifestação da festa, seguido pela produção e manipulação de identidade, faz com surjam discursos de resistências, que colocam em evidência a espetacularização do festival folclórico de Parintins.

Propomo-nos, neste meta-artigo, a olhar para a terceira hipótese em especial, buscando iniciar nossas reflexões e tentar chegar a algumas (in)conclusões. Acredita-se que esta pesquisa é de grande relevância, uma vez que trabalhará as questões de identidade nacional, a partir de um viés regional e popular, mostrando as relações de poder e força imbricadas na feitura dessa identidade. O trabalho também possibilitará entender como se constroem os discursos de resistência nesse espaço

cultural. Validando ou refutando as hipóteses, pode-se também entender as questões de discurso e poder na sociedade contemporânea.

O sujeito/identidade nas fases da A.D.

A partir do século XX, a cultura popular passa a ser vista como “tipos de exportação”, ou seja, as práticas festivas populares, que antes carregavam um lado pejorativo, de borda, marginal, ganham novas significações dentro do sistema capitalista, sendo o *marketing*, a mídia e a indústria cultural alguns dos principais dispositivos reguladores de desejo de consumir identidades (CRUZ, 2005).

Para falarmos sobre identidade, discurso de resistência, apoiamo-nos no arcabouço teórico da Análise de Discurso de orientação francesa, por entender que a identidade é constituída discursivamente por meio de elementos de identificação encontrados nos mais diversos espaços sociais como a mídia, festas folclóricas, músicas, etc.

A Análise de discurso surge na França no final da década de 60 com Michel Pêcheux e seu grupo de estudos. É comumente dividida em três fases que nos mostram que em menos de duas décadas foram (re)montando seus aportes teóricos de acordo com o que se concebia como discurso e suas materialidades. Um de seus pontos nodais é não conceber o sujeito como intencional e mestre do seu dizer.

Isso acontece uma vez que o fazer científico e o pensar filosófico vinham deslocando o homem do centro das questões como o ser possuidor da razão, como no racionalismo - Saussure colaborando com a teoria da linguagem, Marx com a teoria histórico-social e Freud com uma teoria do sujeito, assim como vários outros pensadores como Darwin e Nietzsche. Para Saussure o homem não era dono da sua língua, a língua é uma instituição social, um sistema; Marx vem e diz que não existe individualidade, o motor da história é a luta de classes, a infra e superestrutura, o modo de produção econômica determina como pensamos; Freud vem e fala que a maior parte da nossa vida está no inconsciente, o sujeito não está no controle total. Tudo isso colaborou para uma época denominada de “feridas narcísicas”, época que talvez tenha sido de grande influência para a concepção de sujeito da A.D – um sujeito que não é dono de si, despossuído, clivado e triplamente afetado – pela língua, pela história e pelo inconsciente.

No viés das três fases da AD, a primeira é caracterizada como “máquina discursiva”; Pêcheux, pautado numa releitura de Saussure, releituras de Marx feitas por Louis Althusser, e nas releituras que Lacan fez de Freud, publica seu livro tratando de uma Análise Automática do Discurso que visava apenas e exclusivamente os discursos institucionalizados como o religioso,

pedagógico e, principalmente, o político, em que “[...] a existência do outro está pois subordinada ao primado do mesmo” (PÊCHEUX, 1990, p.24). O sujeito é visto como assujeitado pelas instâncias ideológicas, ou seja, sem a possibilidade de interferir conscientemente no discurso. Ainda nesta fase, não se abordava a questão de uma identidade discursiva, podia-se pensar, talvez, é que ela estava figurada num lugar social ocupado pelo sujeito quando ele enuncia.

Na segunda fase, chamada por Maltby (1990) de “época dos tateamentos”, ainda olhando o discurso de forma homogênea, mas já traçando caminhos para uma heterogeneidade discursiva, Pêcheux reinterpreta de Michel Foucault a noção de formação discursiva (FD), mostrando que toda FD é atravessada por outras FD por meio de pré-construídos e discursos transversos. As formações discursivas, então, sempre ligadas às formações ideológicas, “[...] determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (PÊCHEUX et. al, 2007, p. 29). Dessa forma, as palavras mudariam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra.

Mais tarde, o próprio conceito de Formação discursiva é modificado, passando a conter o que Gregolin (2004) vai chamar de reflexão sobre a materialidade do discurso e do sentido. Vale ressaltar que mesmo tomando de Michel Foucault o conceito de formação discursiva, para Pêcheux, a FD exercia um trabalho de militância que podia ser materializado e estudado na e pela língua, esta que é de natureza linguística e histórica simultaneamente. Já para Foucault, não havia este propósito, suas questões não estavam ligadas à materialidade linguística e sim a querer entender por que em determinada época alguns discursos emergiam e outros não, porque determinado enunciado aparece e não outro etc. Dessa forma, para Foucault, a FD é vista “[...] como uma forma de repartição ou sistema de dispersão que convida a estabelecer a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das FDs” (COURTINE, 2009, p. 83), dito de outra forma, olhava não só a irregularidade, mas também a dispersão, mirando para além do enunciado linguístico.

Se mirarmos para a questão da identidade, o assujeitamento ainda está presente, pois o sujeito é interpelado, segundo Pêcheux, por dois esquecimentos: “[...] sob a ação da interpelação ideológica, o sujeito pensa que é a fonte do seu dizer pois este se apresenta como uma evidência” (GREGOLIN, 2004, p.62). Mas já se abre espaço para entrada de reflexões sobre a identidade discursiva do sujeito, sujeito que se lança à exterioridade produzindo saberes de várias instâncias ideológicas, tomando uma forma-sujeito. Esse pequeno foco de reflexão faz-nos pensar que identidade é sentido, é discursiva, é histórica. (ORLANDI, 2004). Foucault trata dessa questão de identidade.

Na terceira fase da Análise de Discurso, Pêcheux faz mudanças no arcabouço teórico-metodológico para dar conta de novas “estruturas e acontecimentos” que emergiam na época. O discurso homogêneo passa a dar lugar à heterogeneidade dos discursos, onde outras materialidades são tomadas como objetos de estudo. O não dito, passa a ter sentido naquilo que foi dito sem demarcações de fronteiras. Dizendo de outra forma: “[...] se até 1975 a ideologia era a matriz de sentido para Pêcheux, no seu último texto de 1983 ela passa a ser considerada como uma das condições de possibilidade [...] temos a partir dos anos 1980 ‘pontos de deriva’ oferecendo lugar à interpretação” (BARONAS, 2011, p. 26). Talvez, por isso, Maldidier (1990) chamará essa fase de “desconstrução dirigida”, quando o próprio Pêcheux, no prefácio do livro de J.J. Courtine em 1981, diz que “[...] já era hora de começar a quebrar os espelhos”. (PÊCHEUX (1975) apud COURTINE, 2009, p. 26).

Gregolin (2004, p.64) reitera essa visão dizendo que

Pêcheux se afasta das posições dogmáticas [...]. É o momento do encontro com a “nova História”, de aproximação com as teses foucaultianas, em que critica duramente a política e as posições derivadas da luta na teoria e, assim, abre várias problemáticas sobre o discurso, a interpretação, a estrutura e o acontecimento.

Os trabalhos de Foucault não surgiram após os trabalhos das três épocas da AD na França, pelo contrário, caminhavam antes e paralelamente abordando quase que o mesmo objeto – o discurso – mas com viés diferente. É só, como pudemos ver acima, a partir da terceira fase da AD francesa, que Pêcheux faz toda uma reflexão sobre o que vinha sendo feito nos estudos da Análise do Discurso e percebe que era hora de tomar novos rumos, de abordar o discurso por outras materialidades, assim como passa a ver esse discurso pela sua característica heterogênea.

Em *O sujeito e o poder*, Foucault (1995) faz uma retomada de todos os trabalhos por ele feitos até ali. Gregolin (2004) chega a dizer que assim como Pêcheux, Foucault também passa por três fases que o leva a entender que, desde o início de seus estudos, era o sujeito seu objeto de reflexão, esse sujeito como construto histórico e discursivo (GREGOLIN, 2004).

Para Foucault (ano 1983 apud GREGOLIN, 2004, p. 58), o “[...] sujeito é, portanto, o lugar para onde olhará na construção de sua obra. Ele é o seu objeto de saber, seja enquanto objeto de poder, seja enquanto objeto de construção identitária”. O olhar para a história, para os acontecimentos, não se dá de forma cronológica, mas descontínua, onde o discurso pode estar sendo sempre retomado, mesmo diante do discurso atual. Dito de outra forma, há descontinuidades dos discursos na história.

Parece-nos interessante utilizar aqui, para entender como essa identidade é processada pelo sujeito, dois conceitos que Foucault sintetiza em *O sujeito e o poder* e que Gregolin retoma na citação acima: o processo de objetivação e de subjetivação. A objetivação surge então nos estudos de Foucault para nos dizer que é preciso compreender o sujeito no interior de um tal discurso que se constitui, ou seja, o sujeito discursivo é levado a objetivar-se por meio das grandes estruturas como a língua, economia, a história natural e ainda na biologia. Da mesma forma, este sujeito é posto nessa objetivação das práticas divisoras – louco vs são, doente vs sadio, os criminosos vs os bons meninos (ordeiros) etc., ou seja, o sujeito acaba se vendo em uma dessas práticas, quando não, é visto pela sociedade numa dessas práticas. E, por último, pelo modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo, uma vez que esses modos de subjetivação produzem sujeitos ao objetivá-los (FOUCAULT, 1995).

E é aqui que colocamos, pelo viés teórico, este trabalho. Na ligação da análise de discurso com as questões do discurso e sujeito analisadas por Foucault e Pêcheux da 3ª época. Colocar Pêcheux e Foucault frente-a-frente é poder dizer que apesar de terem visto o discurso por perspectivas diferentes, elas se entrecruzam quando, no início da década de 80, Pêcheux começa a ver a heterogeneidades dos discursos, (re)trabalha as questões de memória e história. O autor que mais se dedicou a colocar esses pontos em convergência, ainda que divergentes, foi J.J. Courtine.

Um exemplo: trabalhar a questão da memória em Pêcheux, via Courtine, é, com algumas entradas de Foucault, mostrar que a memória irrompe na atualidade do acontecimento e produz um efeito – a toda formulação de um enunciado corresponde a um domínio associado. É na relação entre o discurso e o intradiscurso que se produz o “efeito de memória”. Começa a deixar, a partir daí, entrar em cena discursividades verbais e não-verbais, assim como a análise dos discursos que circulam por meio da espetacularização midiática. Ou seja, a partir de 1980, na análise dos estudos cotidianos, Pêcheux tenta compreender as relações entre os discursos, a memória, a História e os poderes, em que a resistência também é incluída (GREGOLIN, 2004).

De um sujeito assujeitado, na primeira fase, um sujeito ideológico na segunda fase, Pêcheux deixa espaço na terceira fase para ver a constituição da identidade discursiva na historicidade, o sujeito é chamado a enveredar por certos caminhos e não outros, estando a historicidade no balizamento de sentidos, ela está inclusive na identidade, determinando a configuração discursiva que constitui o sujeito (ORLANDI, 2004). Dito de maneira diferente, o sujeito na terceira AD é heterogêneo, dividido, clivado; o “outro”, o desconhecido, o inconsciente passa a fazer parte de sua identidade (MUSSALIM, 2009).

Cultura, resistência e identidade

Bauman (2005), ao dizer que estamos vivendo numa modernidade líquida, olha para a identidade como fluida, variável, passageira. E Hall (1992) assevera que há um constante consumismo de identidades na sociedade moderna. São dois estudiosos das Ciências Sociais que têm contribuído bastante no que tange às questões de identidade, e colocamo-los aqui por entenderem que a identidade é discursiva.

Hoje, para falar de identidade, principalmente com o surgimento da globalização, quando identidades são jogadas para quem quiser vesti-las (HALL, 1992), é necessário entendê-la como construídas discursivamente na história, esta no seu sentido de discontinuidades. Ver a identidade pelo viés discursivo é, pois, tentar entender que essas relações do sujeito com os diversos discursos que lhe atingem o constrói e o subjetiva a ter não só uma identidade, mas tantas quantas lhe forem colocadas, tendo como meios de produção espaços como a mídia, a indústria cultural, os mais variados tipos de propagandas, as músicas, etc. A identidade vai sendo construída com base na memória que emerge em determinados momentos e a cada emergência há a produção de um novo sentido (NAVARRO-BARBOSA, 2007).

Para Bauman (2005, p. 32-33):

Habitantes do líquido mundo moderno [...] buscamos, construímos e mantemos as referenciais comunitários de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. [...] No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.

Como podemos observar, o que está em jogo hoje nas questões de identidade é a forma pela qual os discursos vão circulando. Com a globalização, o acesso a informações, a todos os tipos de comunidades virtuais, a textos dos mais variados tipos, à espetacularização e polemização dos assuntos na mídia de forma quase que instantânea, faz o sujeito muitas vezes se sentir “obrigado”, ainda que inconscientemente, a pertencer a algum lugar.

Um sujeito que tem que ser “único” e ao mesmo tempo coletivo; constituir-se na sua “singularidade” e se sentir pertencente a uma comunidade, ter uma identidade cultural. E o principal apelo dessa identidade comunitária “é a promessa de um porto seguro, o destino dos sonhos dos marinheiros perdidos no mar turbulento da mudança constante, confusa e imprevisível” (BAUMAN, 2001, 196).

Para Guatarri e Rolnik (apud CRUZ, 2007, p. 139) com contribuições do pensamento foucaultiano, apontam o conceito de identidade cultural como fabricação e, por esse viés, não existiria uma identidade cultural constitutiva de um grupo ou indivíduo; o que há, de fato, é uma “valorização de singularidades de determinadas práticas que, em suas condições de emergência, estão inseridas em determinadas redes de poder”.

Nesses jogos de poder e força surgem os discursos de resistência, para Pêcheux (2009, p.56) “[...] esses rituais de linguagem são sujeitos às falhas, há sempre possibilidades de fissuras, brechas, espaços ainda que fugidios para interpelação, onde o deslize dá lugar à resistência.” Para Foucault (1995), não há relação de poder sem resistência e uma das formas do sujeito resistir aos processos de homogeneização é por meio dos processos de singularização, em que a memória de luta ressoa contra os discursos preestabelecidos, ou seja, é possível entrar em confronto com o poder a que se pretende resistir. Em suma, “toda estratégia de afrontamento sonha em transforma-se em relação de poder; e toda relação de poder pende, na medida em que ela segue a sua própria linha de desenvolvimento e que evita as resistências formais, a torna-se estratégia ‘vitoriosa’” (GREGOLIN, 2004).

A cultura tornou-se um espaço extremamente positivo para a produção desses jogos de poder, força e identidade. Podemos verificar que vão sendo construídas “marcas culturais” que tenham condição de representatividade local até chegarem ao ponto de se tornarem símbolos culturais de regionalidade e porque não dizer de brasilidade, “são peças de um jogo de poder que determina as possibilidades de emergência dessas práticas como ícones de identidade” (CRUZ, 2007, p. 136).

O Festival Folclórico de Parintins emerge produzindo e formulando discursos identitários e, como em qualquer espaço historicamente construído, constituindo-se nessas relações de poder e força, o que possibilita a emersão de práticas de resistência.

O FFP – início de uma análise

As manifestações culturais constroem-se historicamente em meio a disputas, relações de força, de poder e de saberes. Para que essas manifestações possam emergir como identidade comunitária, o arquivo que monta sua história considerada contínua é visto como documento (FOUCAULT, 1968) como uma verdade incontestável, um sentido verdadeiro constituído a partir

das práticas discursivas de uma época. Para Foucault (1968), é preciso que se olhe para o arquivo³ como monumento, tem que se entender as relações com que ele faz relação, é preciso que o escave para entendê-lo. Não se chega à história através de documentos, mas ela já está na própria formulação do monumento.

No caso do Festival de Parintins veremos que a partir da espetacularização da festa, a partir da década de 1990, houve um intenso e constante envolvimento da mídia, da indústria cultural, das relações políticas dentro das agremiações dos bumbás e fora delas, na tentativa de se produzir sentidos e memória para o espetáculo.

Há várias versões⁴ para a origem dos bois de Parintins, as que oficialmente circulam é que em 1913, de um lado Lindolfo Monteverde, ainda menino, criara o boi-bumbá Garantido (representado hoje pelas cores vermelha e branca), o seu boi de curuatá⁵, após ter ouvido várias vezes de seu avô um conto sobre um boi diferente dos outros, brincalhão e animado, dançava trazendo alegria por onde passava, mas, para satisfazer o desejo de sua mulher de comer a língua de boi, Pai Francisco o mata causando grande tristeza no dono do bovino que de todas as formas procura um jeito de ressuscitar o boi, até que finalmente é ressuscitado e Pai Francisco perdoado. Continuando a versão oficial, o Garantido começa a sair às ruas da cidade após uma promessa feita a São João Batista por Lindolfo depois de ter sido curado de uma doença. Do outro lado, temos o boi-bumbá Caprichoso (representado pelas cores azul e branca), criado por Roque Cid, que viera para Parintins imerso também nos contos de boi, na ocasião, fizera também uma promessa a São João Batista, dando origem ao bumbá, essa informação é posta como verdade depois de a Associação Folclórica do Boi Caprichoso ter realizado, por meio de uma historiadora parintinense – Odinéia Andrade, uma pesquisa sobre quem seria seu fundador (a figura 4 faz referência a essa informação).

É interessante perceber que toda essa construção histórica constitui o discurso de tradição do FFP, o qual é um discurso perigoso, pois nele podemos encontrar a instauração do sentimento de familiaridade, de pertencimento, de imutabilidade e continuidade histórica. É preciso que o olhemos pelo viés discursivo, como construção do discurso tomado como verdadeiro numa época do domínio de sua instância, na sucessão de acontecimentos que faz emergir esse discurso e não outro

³ “chamarei de arquivo não a totalidade de textos que foram conservados numa civilização (...) mas o jogo das regras que, em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de acontecimentos e coisas” (op. cit. p. 95)

⁴ As versões oficiais faladas neste artigo foram retiradas dos sites oficiais dos bois. www.boicaprichoso.com e www.boigarantido.org

⁵ Lindolfo Monteverde, ainda criança, pegava um curuatá - casca que envolve o cacho dos frutos da palmeira inajá – e brincava de boi no quintal de sua casa.

em seu lugar. Isso nos dá a possibilidade de interpretá-lo, ainda que sabendo que essa interpretação nunca será única.

A memória e o esquecimento duelam a todo instante para criar sentidos que serão tomados como verdadeiros em certa época. Esse jogo constrói o que é dado a ver como história no seu sentido clássico, contínuo e capciosamente verdadeiro a tal ponto de fazer com que uma memória histórica em determinado momento seja apagada, “esquecida” como um “delete” numa imagem que não fará mais parte do texto oficial que está sendo escrito, tomando-se um chapéu de Clémentis (COURTINE, 1999).

Abaixo, na figura 1, temos uma notícia tirada do site amazoninarede.com.br; as figuras 2 e 3 foram retiradas dos sites oficiais dos dois bois, referem-se às capas dos CDs/DVs das duas agremiações no ano considerado o centenário dos bumbás; na figura 4, temos uma notícia publicada no site do g1.globo.com sobre a fundação do boi Caprichoso. Em cada imagem é possível ver estratégias de legitimidade para ancorar o que está sendo dito, mas não só tentam dar um efeito de verdade ao enunciado, como também silenciam outros ditos.

Há na história do Boi Bumbá Caprichoso um litígio sobre quem é seu fundador ou quem foram seus fundadores, isso rende desde a década de 80 inúmeros embates entre os associados e torcedores do bumbá; Outro litígio refere-se à data de fundação dos dois bois que pela história oficial completaram cem anos em 2013. Nosso foco não é o questionamento de quem está certo ou errado, mas sim de verificar como esse embate é dado a ver e como a partir dele temos diferentes construções de memória e silenciamentos na festa.

É interessante notarmos que não é em qualquer espaço que os enunciados aparecem, quando trazemos para a cena a “memória” do que é oficial, do que é a festa nos moldes contemporâneos, vemos nas figuras 2, 3 e 4 espaços considerados autorizados, como se pelo próprio estar ali, fosse o suficiente para dizer que o que está sendo dito é verdade. Nas figuras 2 e 3 vemos a capa dos CDs e DVDs de Garantido e Caprichoso no ano do centenário, ambos ancorados em slogans - Caprichoso: O centenário de uma paixão; Garantido: o boi do centenário - e imagens – na capa do boi azul e branco, o touro negro é envolto pelo número cem, como se fosse uma roupa que o vestindo pudesse dizer quem é para quem quiser ver; na capa do touro branco temos um jogo entre imagens de um passado e um presente que se inscrevem na memória como impressão de verdade, um carimbo oficial sobre a história que se inicia em 1913 com o boizinho de curuatá contada oficialmente sobre a origem do Garantido. Podemos ver essa reincidência do centenário expresso em outros enunciados como é o caso da figura 4 – [...] *G1 reuniu descobertas de pesquisas que será utilizado no livro dos 100 anos* - onde o ciberespaço é ativado através do discurso jornalístico, discurso este que possui

um poder de legitimidade na sociedade muito forte, pois detém um saber e exerce um poder de fala autorizada. Esses elementos criam um efeito de verdade no que está sendo dito e mostrado sobre a festa dos bumbás de Parintins e incluídos como fontes de memória do espetáculo. Não caberia nesta formação discursiva um enunciado como vemos na figura 1 e 5, dito de outra forma, não apareceriam enunciados como na figura 1 e 5 em espaços em que a memória da festa é construída a partir do que se diz nas figuras 2, 3 e 4.

Temos, na figura 4, o discurso dominante da memória da festa que também se alicerça de estratégias verbais e imagéticas para legitimar seu enunciado. Temos a imagem com aspecto muito antigo com a seguinte legenda: *foto mais antiga do boi Caprichoso da década de 1950*, na pretensão de não deixar dúvida alguma para o leitor de que a informação repassada pela notícia é verídica. O enunciado “Descendentes de fundador do bumbá Caprichoso recordam, tradição no AM”, alça-o como estratégia o discurso da tradição, tradição aqui no seu sentido clássico, fechado e contínuo, ornando a história que se pretende como verdadeira. Não sendo suficiente a tradição, para denotar ainda mais veracidade à informação é posto o discurso científico através de citação dos estudos feitos por historiadoras acerca da história do bumbá. A figura 4, então, nos é apresentada como um fato que a priori não teria espaço para ser contestado.

Temos na figura 1 o confronto, vê-se um enunciado reivindicando espaço na memória da festa, é através desse outro que podemos ver o que está sendo silenciado nas figuras anteriormente comentadas, observa-se uma outra posição no interior do discurso sobre a história do espetáculo. Em “Família Gonzaga exige reconhecimento do Patriarca como fundador do Boi Caprichoso”, as palavras *reconhecimento* e *exige* representam o litígio que há na memória do bumbá Caprichoso. O verbo *exigir* é empregado em situações onde não há uma relação amena entre as partes, no caso uma reivindicação de participar da memória do FFP. O objeto direto e complemento nominal colocam em evidência a representatividade dessa formação discursiva contrária à figura 4, em que o artesão citado no corpo na notícia refere-se à Roque Cid, considerado oficialmente o único fundador do bumbá azul.

Interessante pensar no suporte desse enunciado da primeira figura, apesar de pertencer ao campo jornalístico, o site possui uma leitura mais regional e não tão em foco como o site do g1.globo.com. Interessante observar também que a notícia da quarta figura se dá a partir do que é evocado como memória oficial da festa; a notícia da figura 1, no entanto, se dá a partir de uma manifestação às ruas de Parintins que a Família Gonzaga, através do neto de Luiz Gonzaga - possível fundador, faz para exigir o reconhecimento de seu avô como fundador do Boi Caprichoso,

dito outramente, não haveria notícia se não houvesse resistência à memória espetacularizada do FFP.

A primeira figura traz a imagem de uma senhora, que segundo o enunciado verbal da notícia tem 99 anos e é filha de Luiz Gonzaga, esta nos aproxima da imagem do ancião na sociedade antiga, que detinha o poder da verdade em sua oratória evidenciado principalmente pela sua experiência de vida. Dona Gertrudes lança mão de lembranças que são transcritas como se fossem uma volta a um passado incontestável e afirma: “Luiz Gonzaga criou o Caprichoso”. Mais adiante, no decorrer da notícia, Marcos Gonzaga da Gama, neto de Luiz Gonzaga, autor da manifestação a favor da inclusão do nome de seu avô como fundador do bumbá azul, é ativado numa citação direta: “Estamos atrás da verdade e queremos que a justiça prevaleça quanto à história do Caprichoso. O verdadeiro criador do Boi é Luiz Gonzaga, queremos mostrar a nossa versão dos fatos, mas a imprensa não abriu as portas, por isso fomos para rua”. Esse enunciado verbal nos faz ver que o discurso que emerge aqui, é uma prática contrária ao que se mostra como o discurso tomado como dominante no Festival de Parintins, e que procura alçar um espaço e torna-se também dominante.

Assim como na figura 4, a figura 1 se ancora numa imagem que pode nos dar a impressão de que é a partir do velho, do mais antigo, de uma prova “incontestável” que se pode chegar à “verdade”.

Para Foucault (apud GREGOLIN, 2004) o poder gera resistência que almeja torna-se poder que gerará resistência e assim por diante. Essas redes de enunciados e acontecimentos que, em um jogo de memória e esquecimento, fazem alguns sentidos serem retomados e outros não, vão constituindo a história do Boi-bumbá de Parintins numa descontinuidade que vai perdendo e ganhando contornos decorrentes dos confrontos marcados nessa festa.

Nesse jogo, parece-nos que podemos ver resistência à memória do que oficialmente é posta na festa do FFP, criando, moldando, ligando-nos a uma pretensa identidade e sentimentos de pertencimento à uma história que, como vimos, não possui uma verdade única. Quem está certo ou errado não é onde queremos chegar, e sim mostrar como em espaços que antes eram tidos como sólidos, como era o caso do discurso da tradição, cultura, folclore, podemos ver lutas, confrontos de discursos tentando alçar-se como verdadeiros.

Família Gonzaga exige reconhecimento do Patriarca como fundador do Boi Caprichoso

Published 9 de junho de 2013 | By Redação



Parintins – Dona Gertrudes Mendonça da Gama, 99, é uma das poucas frequentadoras do antigo curral. "Luiz Gonzaga criou o Caprichoso. Na época tinha mais ou menos uns 20 anos e levava meus filhos para assistir a brincadeira no curral da Rio Branco, onde era a casa de Luiz Gonzaga.

Tudo era muito arrumado, faziam arquibancada, até o Lindolfo Monteverde ia por lá.

Figura 1

Fonte: amazonianarede.com.br



Figura 2: Capa do CD/DVD do Boi Caprichoso

Fonte: www.boicaprichoso.com



Figura 3: Capa do CD/DVD do Boi Garantido

Fonte: www.boigarantido.org



Figura 3

Fonte: g1.globo.com/am/amazonas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BARONAS, R. L. *Ensaio em Análise de Discurso: questões analítico-teóricas*. São Carlos: Edufscar, 2011.

COURTINE, J. J. (1999). *O Chapéu de Clémentis*. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda. (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato.

CRUZ, M. *O discurso pela f(r)esta: espaço e produção de identidades*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2005.

GREGOLIN, R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

_____. *Formações discursivas, redes de memória, e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. Texto apresentado no 2º SEAD, 2005.

FOUCAULT, M. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução brasileira de Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 213-249.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MALDIDIER, D. *L'Inquiétude du discours*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

MOESCH, M. M. *A produção do saber turístico*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. v. 1. 140p.

MUSSALIM, F. et.al. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, E. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PASINI, J. *Mídia e cultura: uma análise do festival folclórico de Parintins no filme Foliar Brasil*. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PÊCHEUX, M. *Leitura e memória: projeto de pesquisa*. In: MALDIDIER, D. *L'a inquietude di discours: textes de Michel Pêcheux*. Paris: Editions des Cendres, 1990. (tradução provisória de Maria Rosário Gregolin, circulação restrita).

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Orlandi et al. 4ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. *Há uma via para a linguística fora do logicismo e do sociologismo?* In: ORLANDI, E. *Escritos: discurso e política*. Campinas: LABEUB – NUDECRI – UNICAMP, 1998.

PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C.; HENRY, P. *A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

REIS, E. A. *O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo: uma festa imodesta*. Dissertação (Mestre em Música). Universidade de Campinas – UNICAMP, Instituto de Artes. Campinas, 2012.

SILVA, Rosana Aparecida da. *Os tenharim* : a pessoa, o corpo e a festa. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2006.